

FH sairá às ruas pelas reformas

ASCÂNIO SELEME
Enviado especial

WASHINGTON — O sucesso da viagem de Fernando Henrique Cardoso aos Estados Unidos ensinou ao presidente uma lição política que ele pretende começar a experimentar no Brasil a partir de amanhã. Fernando Henrique entendeu que deve se expor mais, mostrar mais sua cara nas ruas, ocupar espaços na mídia e receber, procurar e discutir mais com os segmentos organizados da sociedade nacional. Ontem, na entrevista coletiva que deu antes de deixar Washington, o presidente disse que a exposição dele, de seus ministros e das bancadas que o apóiam no Congresso pode facilitar a aprovação das reformas que quer introduzir na Constituição.

— Não há outro caminho na democracia que não seja explicar mais, conversar mais. De modo que eu, na segunda-feira, vou dedicar meu dia a conversar e explicar mais (as reformas constitucionais) e mostrar a urgência, que não é do presidente ou do Governo. É uma urgência do país. Fazer política implica em disposição para o diálogo, no vigor da defesa de convicções. Portanto, vamos nos expor mais — disse o presidente.

Na recepção que a embaixada brasileira ofereceu na noite de sexta-feira a políticos, empresários e jornalistas americanos, Fernando Henrique falou a diversos interlocutores sobre sua "felicidade" com os resultados da visita e a creditou à exposição planejada de sua imagem em todos os compromissos oficiais que participou. O presidente, segundo alguns de seus mais pró-

ximos colaboradores, entendeu que deve explorar sua imagem e seu poder de convencimento em favor das reformas. Ontem de manhã, contudo, Fernando Henrique disse que não usará desse poder para inibir o Congresso.

— Numa democracia como a nossa, onde há muitos partidos e os interesses são muito fragmentados, é muito difícil se imaginar, e até é bom que não se imagine, que bastou seu mestre mandar que todo mundo faz, vai atrás. Vamos discutir onde for necessário — sublinhou o presidente.

Segundo o presidente, as decisões não podem mais ser tomadas em gabinetes fechados nem mesmo no que chamou de ping-pong entre os gabinetes do Palácio e do Congresso. Fernando Henrique disse que os representantes do povo, parlamentares e o próprio presidente da Repúbli-

ca devem usar mais essa delegação para trabalhar pelo progresso da Nação. Pediu a participação da sociedade nos debates políticos nacionais e fez uma análise do papel específico dos presidentes de sociedades democráticas de massa, como o Brasil:

— Ele (o presidente) tem que simbolizar além de atuar e tomar decisões efetivas. E, usando uma expressão um pouco menos ortodoxa, ele tem que transcender a delegação direta para resolver isso e aquilo e para simbolizar um caminho. O presidente deve assumir o papel de guardião da vontade geral sem prejudicar os mecanismos de representação. Ele não pode utilizar potencialidades carismáticas para tamponar a democracia. Isso tudo é muito complicado, mas se não fosse complicado não teria graça a vida.